

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

(Organizador)

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-535-8 DOI 10.22533/at.ed.358191408 1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. CDD 300
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A **Sociologia e as questões impostas ao desenvolvimento humano**, coletânea de dezoito capítulos de pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute o desenvolvimento humano e seus desdobramentos por meio da sociologia.

Partindo para as temáticas impressas nos capítulos aqui reunidos, temos desde contribuição que versa sobre o pensamento de Weber, passando por cultura e tradução e alcançando análises sobre literatura, língua, linguagem, discurso, regionalismo e nacionalidade. As relações sociais também encontram espaço na presente obra a partir da figura do casamento, bem como da relevância da dança como recurso para o ensino infantil.

Permanecendo nos discursos, mas agora na denúncia de abusos, decorrentes do não reconhecimento das outridades, há colaborações que evidenciam a violência perpetrada por meio de práticas machistas, da exploração de crianças devido a invisibilidade social e da denúncia ao assédio sofrido. O papel da mulher no espaço público, notadamente no cenário político, é apresentado como condição de autonomia feminina que, movida pelos seus interesses, pelo seu querer, dita as regras de suas ações, de sua vida.

Convidamos a todos a experimentar as leituras deste volume que é composto pelas seguintes participações:

- **MAX WEBER FRAGMENTADO: ANÁLISE SOBRE A IMPORTAÇÃO SECCIONADA DE IDEIAS INTELECTUAIS**, de Márcio José Rosa de Carvalho;
- **CULTURA E TRADUÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA**, de Paulo Gerson Rodrigues Stefanello;
- **COMPREENDENDO O OLHAR DO USUÁRIO SOBRE A LÍNGUA: MITOS IDEOLOGICAMENTE E CULTURALMENTE SITUADOS**, de Maressa de Jesus Evangelista e Glória Dias Soares Vitorino;
- **MÍDIA, LINGUAGEM E EXCLUSÃO: A DESIGUALDADE SOCIAL POR MEIO DA PREDILEÇÃO DE USOS LINGUÍSTICOS**, de Danúbia Aline Silva Sampaio e Jairo Venício Carvalhais Oliveira;
- **DESIGUALDADE E CIÊNCIA: O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS**, de Carla Andréia Schneider e Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti;
- **DISCURSO JORNALÍSTICO E DESIGUALDADE SOCIAL: CONTEXTOS E IMPLÍCITOS EM EXPRESSÕES MULTIMODAIS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESCÂNDALO**, de Deborah Gomes de Paula e Regina Célia Pagliuchi da Silveira;
- **NÃO SOMOS RACISTAS: A NEGAÇÃO DO RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA CORPORATIVA BRASILEIRA**, de Daniele de Oliveira;
- **O RELATOR E A ENCENAÇÃO DO MÚLTIPLO: ANÁLISE DOS ATORES**

DISCURSIVOS E DA GESTÃO DOS SEUS PONTOS DE VISTA NO DISCURSO JURÍDICO, de Adriana do Carmo Figueiredo;

- **CONTORNOS DE UMA VIDA A PARTIR DE UM DISCURSO DE POSSE**, de Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis;
- **O CORPO EM ESTADO DE POESIA: A APREENSÃO CORPORAL DAS LINGUAGENS POÉTICAS**, de Olga Valeska Soares Coelho;
- **LITERATURA EM QUADRINHOS: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSONAGEM “DESEJO”, DE NEIL GAIMAN**, de Carolina Casarin Paes;
- **A TURMA CAIPITA DE CORNÉLIO PIRES: REGIONALIDADES E MÚSICA CAIPIRA NO DEBATE DA NACIONALIDADE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**, de Lays Matias Mazoti Corrêa;
- **CASAMENTO NO SÉCULO XXI: RELEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**, de Laís Marina de Souza;
- **A DANÇA COMO RECURSO DIDÁTICO PSICOMOTOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA E DA DESCOBERTA DO CORPO NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**, por Carlos Alexandre Borges de Lima e Maria do Perpétuo Socorro Bandeira Moraes;
- **RELATOS DE VIVÊNCIAS MACHISTAS**, por Loriane Trombini Frick, Bruno Barbosa de Souza, Leidyane Tiberio Neves, Karianny Aparecida Gerotto del Mouro, Alysson Mateus Rabelo Kiessow, Ígor Prochnow e Joyce Coldebella;
- **POLÍTICA SOCIAL, DIREITOS E CIDADANIA NO CAPITALISMO: (IN) VISIBILIDADE SOCIAL DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CUIABÁ-MT**, por Leila Chaban;
- **#PRIMEIROASSÉDIO: AS CICATRIZES DO SEXO IMPOSTO EXPOSTAS NAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE COMBATE AO ESTUPRO**, por Magall Simone de Oliveira; e
- **RECRUTAMENTO E CARREIRAS POLÍTICAS EM SERGIPE: LUGAR DE MULHER É NA POLÍTICA**, por Vanderson de Gois Santos.

Tenham excelentes diálogos!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MAX WEBER FRAGMENTADO: ANÁLISE SOBRE A IMPORTAÇÃO SECCIONADA DE IDEIAS INTELECTUAIS	
Márcio José Rosa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3581914081	
CAPÍTULO 2	16
CULTURA E TRADUÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA	
Paulo Gerson Rodrigues Stefanello	
DOI 10.22533/at.ed.3581914082	
CAPÍTULO 3	24
COMPREENDENDO O OLHAR DO USUÁRIO SOBRE A LÍNGUA: MITOS IDEOLOGICAMENTE E CULTURALMENTE SITUADOS	
Maressa de Jesus Evangelista Glória Dias Soares Vitorino	
DOI 10.22533/at.ed.3581914083	
CAPÍTULO 4	36
MÍDIA, LINGUAGEM E EXCLUSÃO: A DESIGUALDADE SOCIAL POR MEIO DA PREDILEÇÃO DE USOS LINGUÍSTICOS	
Danúbia Aline Silva Sampaio Jairo Venício Carvalhais Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914084	
CAPÍTULO 5	52
DESIGUALDADE E CIÊNCIA: O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS	
Carla Andréia Schneider Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti	
DOI 10.22533/at.ed.3581914085	
CAPÍTULO 6	64
DISCURSO JORNALÍSTICO E DESIGUALDADE SOCIAL: CONTEXTOS E IMPLÍCITOS EM EXPRESSÕES MULTIMODAIS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESCÂNDALO	
Deborah Gomes de Paula Regina Célia Pagliuchi da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914086	
CAPÍTULO 7	76
NÃO SOMOS RACISTAS: A NEGAÇÃO DO RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA CORPORATIVA BRASILEIRA	
Daniele de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914087	

CAPÍTULO 8	88
O RELATOR E A ENCENAÇÃO DO MÚLTIPLO: ANÁLISE DOS ATORES DISCURSIVOS E DA GESTÃO DOS SEUS PONTOS DE VISTA NO DISCURSO JURÍDICO	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.3581914088	
CAPÍTULO 9	101
CONTORNOS DE UMA VIDA A PARTIR DE UM DISCURSO DE POSSE	
Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis	
DOI 10.22533/at.ed.3581914089	
CAPÍTULO 10	110
O CORPO EM ESTADO DE POESIA: A APREENSÃO CORPORAL DAS LINGUAGENS POÉTICAS	
Olga Valeska Soares Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.35819140810	
CAPÍTULO 11	118
LITERATURA EM QUADRINHOS: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSONAGEM “DESEJO”, DE NEIL GAIMAN	
Carolina Casarin Paes	
DOI 10.22533/at.ed.35819140811	
CAPÍTULO 12	128
A TURMA CAIPIRA DE CORNÉLIO PIRES: REGIONALIDADES E MÚSICA CAIPIRA NO DEBATE DA NACIONALIDADE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Lays Matias Mazoti Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.35819140812	
CAPÍTULO 13	142
CASAMENTO NO SÉCULO XXI: RELEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	
Laís Marina de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.35819140813	
CAPÍTULO 14	153
A DANÇA COMO RECURSO DIDÁTICO PSICOMOTOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA E DA DESCOBERTA DO CORPO NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Carlos Alexandre Borges de Lima	
Maria do Perpetuo Socorro Bandeira Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.35819140814	
CAPÍTULO 15	165
RELATOS DE VIVÊNCIAS MACHISTAS	
Loriane Trombini Frick	
Bruno Barbosa de Souza	
Leidyane Tiberio Neves	
Karianny Aparecida Gerotto del Mouro	
Alysson Mateus Rabelo Kiessow	
Ígor Prochnow	
Joyce Coldebella	
DOI 10.22533/at.ed.35819140815	

CAPÍTULO 16	179
POLITICA SOCIAL, DIREITOS E CIDADANIA NO CAPITALISMO: (IN)VISIBILIDADE SOCIAL DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CUIABÁ-MT	
Leila Chaban	
DOI 10.22533/at.ed.35819140816	
CAPÍTULO 17	193
#PRIMEIROASSÉDIO: AS CICATRIZES DO SEXO IMPOSTO EXPOSTAS NAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE COMBATE AO ESTUPRO	
Magali Simone de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.35819140817	
CAPÍTULO 18	209
RECRUTAMENTO E CARREIRAS POLÍTICAS EM SERGIPE: LUGAR DE MULHER É NA POLÍTICA	
Vanderson de Gois Santos	
DOI 10.22533/at.ed.35819140818	
SOBRE O ORGANIZADOR	224
ÍNDICE REMISSIVO	225

MÍDIA, LINGUAGEM E EXCLUSÃO: A DESIGUALDADE SOCIAL POR MEIO DA PREDILEÇÃO DE USOS LINGUÍSTICOS

Danúbia Aline Silva Sampaio

Universidade Federal de Minas Gerais –
Faculdade de Letras
Belo Horizonte – Minas Gerais

Jairo Venício Carvalhais Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais –
Faculdade de Letras
Belo Horizonte – Minas Gerais

RESUMO: A mídia impressa brasileira, ainda na atualidade, tem sustentado a ideia de que as formas linguísticas de prestígio são as únicas corretas do ponto de vista do funcionamento de uma língua. Dessa forma, muitos veículos de comunicação acabam agindo de maneira pernicioso e prestando um desserviço à sociedade, haja vista que, ao trabalharem com a dicotomia certo/errado, tais veículos reforçam a divisão entre classes e a exclusão social. Partindo dessas constatações, apresentamos uma análise relacionada ao tema da desigualdade social, tomando como objeto de investigação a questão do preconceito linguístico na mídia impressa, sobretudo no que diz respeito à legitimação da dicotomia “certo/errado” no tratamento dispensado à linguagem. De forma mais específica, investigamos o gênero discursivo “capa de revista” em diferentes edições do maior periódico semanal de informação do Brasil, tomando como referencial

teórico a Análise Crítica do Discurso (ACD), de Fairclough (1992, 2003, 2006) e a abordagem da Multimodalidade, de Kress e Van Leeuwen (2006). A perspectiva transdisciplinar da ACD atribui relevância à compreensão da linguagem em relação à vida social, examinando, de forma crítica, as relações estabelecidas entre linguagem, poder, dominação e desigualdade. A multimodalidade, por sua vez, sinaliza a importância dos diferentes modos semióticos colocados em funcionamento no processo de construção de sentidos. Os resultados obtidos demonstram como a maior revista semanal de informação do país representa os diferentes usos linguísticos dos brasileiros, privilegiando uns e excluindo outros, de forma que tal exclusão se estende, inevitavelmente, aos grupos sociais economicamente desfavorecidos e linguisticamente estigmatizados.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia impressa. Desigualdade social. Análise Crítica do Discurso. Multimodalidade.

MEDIA, LANGUAGE AND EXCLUSION: SOCIAL INEQUALITY THROUGH FAVOURING LINGUISTIC USAGE

ABSTRACT: The Brazilian print media still currently supports the idea that prestige linguistic forms are the only correct ones from the perspective of a language's functions. As a

result, many mass media vehicles act perniciously, constituting a disservice to society because, when reinforcing the right/wrong dichotomy, these vehicles strengthen the class divide and validate social exclusion. From these facts, we present an analysis related to the theme of social inequality, choosing as our object of investigation the issue of linguistic prejudice in print media, especially regarding the validation of the right/wrong dichotomy in the treatment dispensed to language. More specifically, we investigated the discursive genre of magazine covers, in different issues by the largest weekly informational magazine in Brazil, with a theoretical background of Critical Discourse Analysis (CDA) by Fairclough (1992, 2003, 2006), with Kress and Van Leeuwen's (2006) Multimodality approach. CDA's transdisciplinary approach attributes relevance to an understanding of language in relation to social life, examining critically the relationships established among language, power, domination and inequality. As for Multimodality, the approach signals the importance of diverse semiotic modes functioning in the process of building meaning. The results show how the largest weekly informational magazine in Brazil represents differing linguistic usages by Brazilians, privileging some over others so as to perpetuate exclusion for social groups that are economically disfavoured and linguistically stigmatized.

KEYWORDS: Print media. Social Inequality. Critical Discourse Analysis. Multimodality.

1 | INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a partir do avanço dos estudos linguísticos, um número crescente de publicações especializadas - tais como Bagno (2001, 2012), Faraco (2012), Sscherre (2005) - tem apresentado reflexões consistentes sobre o estudo da língua em suas diversas manifestações, abrindo espaço para o fenômeno da variação linguística e reconhecendo a sua importância na constituição e no funcionamento dos diferentes grupos sociais. No interior dessa produção, emerge o entendimento de que a supremacia absoluta atribuída à Gramática Tradicional, muitas vezes incorretamente associada à ideia do “bem falar” e do “bem escrever”, é um fato que precisa ser repensado, haja vista que esse imaginário social, ainda presente na atualidade, tem servido de âncora para a manutenção da desigualdade social, costumeiramente praticada por meio da exclusão de usos linguísticos que, em maior ou menor escala, distanciam-se das normas preconizadas pela “língua-padrão” das elites que controlam o poder econômico e social.

No cerne dessa discussão e, diferentemente do que tem mostrado os estudos linguísticos mais atuais, uma parcela considerável dos meios de comunicação continua reproduzindo a ideia de que o português falado no Brasil é uma língua homogênea (BAGNO, 2001, 2012) Esse tipo de postura diante dos fenômenos linguísticos revela uma visão limitada, senão deturpada sobre a língua e sobre seus falantes, baseando-se apenas no conhecimento de gramáticas prescritivas que, por sua vez, não levam em conta os usos efetivos da língua em seus variados contextos e em suas diversificadas formas de manifestação.

Nesse sentido, a mídia brasileira tem privilegiado a língua escrita como modelo padrão ou, em outras situações, identifica-se determinada variante diacrônica ou geográfica como o português correto. Essa visão rígida e preconceituosa em relação aos fenômenos linguísticos valoriza o registro de apenas uma variedade da língua, desconsiderando, por sua vez, qualquer outra modalidade linguística. Em outros termos, os meios de comunicação mantêm um nível doutrinário, a partir da defesa do uso de uma língua pura, correta e calcada exclusivamente na tradição gramatical, estipulando uma estreita relação entre o domínio dessa variante linguística e a obtenção de sucesso na vida pessoal e profissional. No entanto, por outro lado, acabam por legitimar um expressivo preconceito em relação às variedades populares que não se enquadram nesse modelo.

O discurso difundido pela mídia de que língua e norma-padrão são conceitos correlatos tem servido, muitas vezes, para (re)produzir uma visão uniforme e padronizada dos usos da língua(gem). Esse pressuposto traz consigo uma perspectiva essencialmente normativista, dogmática e arbitrária, a partir da qual são banidas da língua “homogênea e pura” todas e quaisquer formas consideradas empobrecedoras, desviantes ou indignas de uma língua bem falada e bem escrita. No bojo dessas considerações, é importante destacar que essa postura difundida pelos meios de comunicação acaba por afastar do debate sobre o tema não apenas as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas, sim, os cidadãos que as produzem, uma vez que tais formas linguísticas são produzidas em maior número pelos indivíduos das camadas economicamente menos favorecidas e, portanto, com menor prestígio social.

Para refletir sobre essas questões, tomamos como objeto de investigação o gênero **capa de revista** em diferentes edições da revista **Veja**, cuja temática abordou, de forma direta, a dicotomia entre “certo” e “errado” no trato com a língua portuguesa e a relação desses conceitos com a ascensão na vida pessoal e profissional. A opção por capas desse veículo da mídia impressa justifica-se em função de **Veja** ser o periódico semanal brasileiro de maior circulação na atualidade. Produzida pela Editora Abril, é a revista de informação com maior tiragem do país, superando 1 milhão de exemplares. Segundo os dados mais recentes disponíveis, obtidos por meio da Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER), a circulação média mensal da versão impressa no ano de 2014 foi de 1.167.928 exemplares por edição, sendo 84% desse total por meio de assinaturas e 16% através de vendas avulsas. Quanto ao perfil socioeconômico de seu público leitor, foi possível observar que 71% pertencem às classes A (30%) e B (41%) e que um total de 88% do leitorado apresenta curso superior completo, conforme atestam dados oficiais divulgados pela Associação Nacional dos Editores de Revistas.

A fim de alcançar os objetivos propostos, o presente trabalho encontra-se dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais. No capítulo 1, são apresentados os pressupostos teóricos e metodológicos que sustentam o presente trabalho, evidenciando, de forma específica, a articulação entre a Análise Crítica

do Discurso (ACD) e a Teoria da Multimodalidade. O capítulo 2 trata das análises efetuadas e encontra-se subdividido em três itens. No primeiro item (3.1), analisa-se a metafunção interpessoal nas capas da revista Veja selecionadas para este trabalho. O item (3.2), por sua vez, procura apresentar a análise diretamente relacionada à metafunção textual do gênero textual investigado. No item (3.3), procuramos realizar uma articulação entre os aspectos multimodais das capas analisadas ao princípio da interdiscursividade proposto pela Análise Crítica do Discurso. Por fim, são tecidas as considerações finais, etapa em que são apresentadas algumas reflexões acerca do tema investigado.

2 | A ARTICULAÇÃO ENTRE A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD) E A MULTIMODALIDADE

O presente trabalho apresenta suas análises a partir da Análise Crítica do Discurso (ACD) - ora também denominada Análise do Discurso Crítica (ADC) -, considerando essa teoria e método na visão de Fairclough (1989, 1992, 1995, 2001, 2003), o qual percebe, inicialmente, o discurso como prática social e, a partir do desenvolvimento de suas pesquisas, em 2003, toma o discurso como um dos elementos da prática social.

A Análise Crítica do Discurso se constitui a partir de uma tradição crítica da linguagem, que articula, de maneira elaborada, a ciência social crítica e a linguística com uma estrutura analítica e teórica, estabelecendo entre elas um diálogo. Essa abordagem transdisciplinar atribui grande importância à compreensão da linguagem em relação à vida social. Estudos em ACD analisam criticamente a relação entre a linguagem, o poder, a dominação e a desigualdade, em suas diversas formas de manifestação, sejam da mais explícita a mais velada, por meio de textos.

Para a ACD de Fairclough, em todos os níveis da vida social, desde aqueles mais fixos (**estruturas sociais**), àqueles mais flexíveis (**eventos sociais**), passando pelo nível intermediário (**práticas sociais**), a linguagem está sempre presente. Por meio dessa perspectiva teórica, as *estruturas sociais*, apesar de mais rígidas e relativamente fixas, são passíveis de transformações e mudanças. Assim, as *estruturas sociais* interferem e condicionam os diferentes *eventos sociais*, os quais, por sua vez, também vão proporcionar modificações nas estruturas, por meio da intermediação realizada pelas diferentes *práticas sociais* (FAIRCLOUGH, 2003).

A partir desse ponto de vista, Fairclough apresenta três focos analíticos no estudo crítico da linguagem: o **sistema semiótico** (nível mais fixo), O **texto** (nível mais flexível - uma reportagem de revista, por exemplo) e a **prática discursiva** (nível intermediário), a qual compreende as **ordens do discurso**, ou seja, o **gênero**, o **discurso** e o **estilo**.

Nessa perspectiva, as **práticas discursivas** se constituem pelas **práticas do agir** (*gênero* – significado acional), pelas **práticas do representar** (*discurso* – significado representacional) e pelas **práticas do identificar** (*estilo* – significado identificacional).

A ACD considera que os textos que circulam socialmente apresentam um papel

fundamental na busca de se compreender as diferentes relações entre os vários grupos sociais, a forma como esses grupos representam o mundo e a maneira como a identidade desses grupos é apresentada e construída na e pela linguagem. Os textos são aqueles que, de forma muito rica e diversificada, irão oferecer “pistas” para a compreensão das práticas sociais estudadas pelo analista.

A partir desse mesmo ponto de vista, Trajano (2013, p. 25), retomando a premissa de que o discurso se define como o “uso da linguagem na forma de prática social, modo de ação e de representação, de prática de significação”, aponta que o discurso se materializa por meio dos diferentes gêneros de texto, os quais, segundo Fairclough (2003), configuram-se como formas diferentes de ação e interação entre pessoas e grupos sociais.

Assim, é por meio da análise dos diferentes gêneros que circulam e funcionam socialmente – as propagandas, os anúncios publicitários, as notícias, reportagens, artigos de opinião, capas de revistas, dentre tantos outros – que o pesquisador analisa, criticamente, a relação entre a linguagem e a sociedade, a partir de suas várias formas de manifestação, nas mais diversas situações comunicativas.

Considerando, portanto, a relevância dos gêneros textuais enquanto maneiras distintas de ação e interação, é fundamental destacar o caráter multimodal que todos eles apresentam. Em cada gênero de texto, situado em um determinado contexto de interação, são exploradas diferentes linguagens, ou diferentes *modos semióticos*, tais como a escrita, a imagem, a cor, o som, dentre outros. Uma vez que cada um desses modos exerce um papel importante para a construção de sentidos, é de grande relevância que os diferentes gêneros sejam analisados por meio de uma abordagem multimodal.

De acordo com a abordagem da *Multimodalidade* (KRESS, 1995, 1997, 2003, 2008, 2010; KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2002, 2006), quando se unem diferentes *linguagens* ou *modos semióticos* se alcança a melhor forma de comunicar aquilo que se deseja. Uma vez que cada um desses modos exerce uma determinada função no processo de construção de sentidos, ao se pesquisar as formas de comunicação utilizadas, se determinada análise se prender a apenas um modo semiótico, como à escrita ou à fala, por exemplo, chega-se a um significado parcial, incompleto. Isso porque cada modo, a partir de suas peculiaridades e recursos, gera um significado diferente que, associado aos outros, constrói e amplia a rede de sentidos dos diferentes textos multimodais.

A Gramática do Desing Visual (GDV), de Kress e Van Leeuwen (2006), apresenta uma descrição das principais categorias para a análise do sentido em imagens e textos multimodais. Como apontado pelos próprios autores, a GDV é uma espécie de expansão da *Gramática Sistêmico-Funcional* (GSF) de Halliday e Matthiessen (2004): tal expansão se justifica uma vez que Kress e Van Leeuwen (1995, p. 8) mostram como as funções propostas por Halliday podem ser utilizadas como categorias gerais e abstratas e, assim, podem ser aplicadas não apenas à linguagem verbal, mas também

a todos os tipos de modos semióticos.

A partir desse mesmo ponto de vista, Nascimento, Bezerra e Heberle (2011, p. 533) destacam que assim como a linguagem verbal, a linguagem visual permite construir representações de mundo – o que caracteriza a sua **função de representação** –, permite que participantes representados nas imagens – pessoas, objetos, instituições – assumam determinados papéis e estabeleçam relações entre si e com os leitores do texto – **função de interação** –, além do fato de que a linguagem visual permite organizar os vários sentidos na forma de um todo coerente, que compreendemos como texto – **função de composição**.

Considerando os pressupostos teóricos acima elencados, encontra-se, a seguir, a análise desenvolvida para o presente artigo.

3 | ANÁLISE DOS DADOS: A A BORDAGEM MULTIMODAL E OS INTERDISCURSOS

Este capítulo tenciona apresentar e discutir algumas características multimodais das capas da revista **Veja** selecionadas para este trabalho, considerando, de acordo com a GDV, a *metafunção interpessoal* e a *metafunção textual*. Feita essa abordagem multimodal das capas, será analisada a *interdiscursividade*, com o intuito de descrever e discutir o processo de construção de sentidos por meio da articulação entre *aspectos multimodais* e os *interdiscursos* ali materializados. A partir desses apontamentos, o tema da desigualdade social será investigado com o foco sobre a maneira como a mídia impressa representa e legitima os diferentes usos linguísticos, privilegiando um e omitindo/excluindo outros, de maneira que essa exclusão se estende, inevitavelmente, aos grupos sociais que utilizam as formas linguísticas estigmatizadas. Na sequência, apresentamos as capas de três edições da revista **Veja** selecionadas para a presente análise. As capas selecionadas correspondem às seguintes edições da revista **Veja**: “Falar e escrever bem”, edição 1275, ano 34, nº 44, de 07 de novembro de 2001; “Falar e escrever certo”, edição 2025, ano 40, nº 36, de 12 de setembro de 2007 e “Falar e escrever bem: rumo à vitória”, edição 2177, ano 43, nº 32, de 11 de agosto de 2010.



Fig.1 - Capa de 2001



Fig. 2 - Capa de 2007



Fig. 3 - Capa de 2010

3.1 A metafunção interpessoal

A metafunção interpessoal trata da relação entre os falantes e as modalizações presentes em um evento comunicativo. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), na perspectiva da metafunção interpessoal, as imagens podem ser classificadas em três dimensões: *olhar* (contato), *enquadramento* (distância social) e *perspectiva* (poder).

Considerando o *olhar* do participante representado na capa de 2001, observamos que este olha diretamente para o leitor. Constitui-se, assim, uma *imagem de demanda*, na qual há uma relação direta desse participante com aquele que lê, de forma a se estabelecer certo “vínculo” entre eles, uma espécie de relação mais pessoal. Essa proximidade atrai o leitor, convidando-o a se “conectar” com a mensagem que está sendo apresentada.

Em contrapartida, os participantes presentes nas capas de 2007 e de 2010 não se relacionam diretamente com os leitores da capa. Na capa de 2007, a mulher não estabelece contato algum com o leitor, não olha para ele, está em uma posição, praticamente, de costas. No entanto, essa mulher se movimenta e dirige seu olhar para um determinado foco, o qual se encontra em uma posição nitidamente superior, muito acima, praticamente “nas nuvens”. Nessa perspectiva, na capa de 2007, há uma *imagem de oferta*, de maneira que o participante representado não “observa” o leitor, mas, ao contrário, é observado por ele. Assim, a partir da imagem da mulher que sobe a escada e se movimenta em direção a um alvo, o leitor é levado não a se relacionar com ela, mas a “contemplá-la”, a observar seu movimento em ascensão. Como será discutido posteriormente, esse “movimento de ascensão”, conectado a outros elementos do processo de construção de sentidos, busca uma avaliação bastante positiva por parte do leitor que “contempla” a imagem.

Na capa de 2010, o participante representado, apesar de estar de frente para o leitor, também não olha para ele, mas sim para aqueles que, supostamente, são seus ouvintes. Nessa capa, portanto, também podemos perceber que, por meio de uma imagem de oferta, o leitor é levado a observar a ação do participante e não a se relacionar com ele. É importante destacar ainda que, levando em conta todas as linguagens ali materializadas, essa ação, essa atitude que o leitor contempla é construída de modo a ser vista positivamente, muito “desejável” pelo leitor.

No que se refere à *dimensão do enquadramento*, a imagem do homem presente na capa de 2001 encontra-se em um plano mais próximo do leitor, efetivando-se, novamente, um vínculo, uma “intimidade” maior entre eles, já que o participante representado estabelece um contato mais direto com quem lê.

Na capa de 2007, a mulher da imagem encontra-se a uma distância média, o que, segundo Kress e van Leeuwen (2006), remete-nos à ideia de uma relação de “respeito”, de “credibilidade”, entre participante representado e leitor, já que nesse relacionamento não se configura uma relação de muita intimidade, mas também não

se configura uma relação muito distante. Por sua vez, o homem representado na capa de 2010 é aquele que se encontra em um plano mais longo, mais distante, em relação ao leitor, configurando-se, mais uma vez, como objeto de “contemplação” deste último. A escolha da capa em colocar esse participante em um plano bastante longo será mais bem analisada e discutida posteriormente.

A partir da *dimensão da perspectiva*, Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que sob o ângulo vertical, são estabelecidas ou ratificadas as *relações de poder* e, sob o ângulo horizontal, são definidas as relações de maior ou menor *empatia*. Como pode ser percebido, na capa de 2001, leitor e participante se entreolham no mesmo nível do olhar, de forma que não se constitui entre eles uma relação de superioridade ou inferioridade, mas uma relação que se estabelece com “igualdade de poder”. Além disso, o homem da imagem está bem de frente para o leitor, demonstrando bastante “empatia”.

Como já apontado anteriormente, tanto na capa de 2007 quanto na capa de 2010, a visão do leitor não alcança diretamente o olhar dos participantes representados. Assim, estes não se relacionam diretamente, uma vez que os participantes das imagens se colocam ali como “objetos de contemplação”, para que o leitor observe suas atitudes, suas ações e as avalie, neste contexto, de maneira positiva. Dessa forma, não se constitui, claramente, uma “relação de poder” entre eles.

Além disso, nessas duas últimas capas, não há nem mesmo uma relação de empatia entre leitor e os participantes, já que estes últimos, além de não estarem colocados em uma posição de proximidade com o leitor – na capa de 2010, apesar de estar de frente, o homem está em um plano bem longo -, há um deles que está praticamente de costas, como é o que acontece com a mulher da capa de 2007.

A partir das capas de 2007 e 2010, é interessante apontar que, apesar de não se estabelecer uma relação de poder entre os participantes das imagens e o leitor, tanto a mulher quanto o homem encontram-se em uma posição superior no que se refere a qualquer outro elemento presente na capa como um todo. É possível considerar que na capa de 2007, por exemplo, a mulher está em uma parte superior da escada, remetendo-nos à ideia de sua ascensão e sucesso na carreira, o que a coloca em uma posição mais favorável, numa relação de “superioridade” no que se refere aos outros. Na capa de 2010, o orador que discursa, de forma firme e enérgica -conforme pode ser observado pela maneira como este gesticula o braço e se posiciona - olha para seus ouvintes – representados pelas teclas de computador – de cima para baixo, exercendo certo “poder” sobre eles.

A seguir, considerando ainda as capas de 2001, 2007 e 2010 da Revista *Veja*, estão as considerações realizadas a partir das categorias de análise da *metafunção textual*, de acordo com a GDV, de Kress van Leeuwen (2006).

3.2 A metafunção textual

De acordo com a GDV, é por meio da *metafunção textual* - seja a partir da relação

das diferentes partes dentro da própria composição, seja a partir da relação entre imagens ou, até mesmo, da relação entre texto e imagem, vistos de forma integrada -, que se percebe que cada elemento da composição não está no lugar escolhido por acaso, que há sempre um significado construído por meio de determinada escolha. Dessa forma, em uma dada composição textual, se seus respectivos elementos forem modificados espacialmente, as relações entre eles serão, conseqüentemente alteradas, assim como novos significados serão construídos e efetivados. Segundo Kress e van Leeuwen, uma composição se apresenta por meio de três sistemas relacionados entre si: *o valor da informação* (dado/novo, real/ideal, centro/margem), a *saliência* e a *moldura*.

Na capa de 2001, na parte inferior – espaço do *real* – a revista aponta, assertivamente, a “realidade linguística” do brasileiro: “o brasileiro tem dificuldade de se expressar corretamente”. Observa-se, aqui, que a revista não dá aberturas para uma possível discussão sobre o assunto, um possível questionamento sobre o fato de o brasileiro saber ou não se expressar “corretamente”. Essa assertiva é apresentada como uma *verdade*. Ainda no campo do real, a revista destaca que esse mesmo brasileiro – apontado aqui de maneira bastante generalizada – tem consciência desse “mal” e está, decididamente, buscando melhoras, já que reconhece a importância de “falar e escrever bem” para o êxito em sua vida profissional e social.

Em contrapartida, na parte superior – espaço do *ideal* – o homem branco que interage diretamente com o leitor aponta o ideal a ser alcançado pelo brasileiro que não sabe se expressar: “falar e escrever bem”. O ideal é apresentado pela revista de maneira interessante, já que o participante representado retirada própria boca – fazendo alusão à ideia de se expressar – a “meta linguística” do brasileiro. A palavra “bem” recebe o maior destaque, escrita em letras maiores e colocada em um plano mais próximo do leitor, confirmando e enfatizando que “falar” e “escrever” são atividades que precisam de uma atenção especial daqueles que almejam o sucesso.

Além disso, a imagem do homem branco que traz em si mesmo o falar e escrever bem está na parte central da capa, ocupando, praticamente, sua totalidade – há uma pequena “divisória” na parte superior, por meio da qual a revista apresenta outra reportagem do interior da própria publicação, mas que, claramente, recebe menor destaque. Além disso, a cor clara da camisa social utilizada contribui para o destaque do participante em relação ao fundo amarelo da capa. Diante desses apontamentos, é possível afirmar que a imagem do homem retirando de sua boca o “falar e escrever bem” são os elementos de maior saliência, os principais utilizados para chamar a atenção do leitor.

Na capa de 2007, o lado esquerdo – espaço da informação *dada* – a revista, por meio da linguagem verbal, aponta algumas informações já compartilhadas entre os leitores, como a ideia de que dominar a língua é fator decisivo para o sucesso profissional; a ideia de que “errar” por sua vez, representa o próprio fracasso, além da ideia de que a reforma ortográfica não foi recebida pelas pessoas de maneira positiva,

causando ansiedade diante da possibilidade de errar – já que o “erro” é associado à ideia de “ruína”, isto é, fracasso total.

Já no lado direito – espaço da informação *nova* – encontramos uma imagem bastante interessante: uma mulher branca, vestida com uma roupa profissional – provavelmente um vestuário que representa mulheres que trabalham em ambientes formais, como na área jurídica, financeira ou em grandes corporações -, carregando uma pasta, está se movimentando em direção ao topo de uma escada, de forma que já se encontra na altura das “nuvens”. Essa escada está apoiada em uma grande letra “A”. Na parte inferior dessa grande letra há a expressão “falar e escrever certo”.

Essa imagem, metaforicamente construída, destaca uma informação importante para o leitor: o sucesso profissional, o “topo” da carreira pertence àqueles que “falam e escrevem certo”, àqueles que fizeram do domínio da “boa língua” um dos principais “instrumentos” para impulsionar e, finalmente, alcançar o mais alto nível profissional. É interessante observar que a escada, o instrumento de ascensão, está apoiada na letra A, a qual pode, inicialmente, ser apenas entendida como a representação da língua, isto é, a língua posta como aquela que “apoia”, que “promove” a ascensão e o sucesso profissional. No entanto, há outra consideração interessante: a letra A, além de ser a primeira letra do alfabeto, a partir de uma perspectiva sociocultural, representa também avaliações de cunho bastante positivo: “ele tirou um conceito A na etapa” – representação da maior nota, da melhor avaliação da instituição de ensino -, “ela pertence à classe A” - representação da classe social de maior poder econômico, de maior prestígio. Assim, pode-se perceber que não é simplesmente por uma escolha aleatória que a letra escolhida para apoiar a escada é a letra “A” e não a letra “C”, “F” ou “Z”, por exemplo.

Para corroborar essa discussão, considerando a conexão entre a parte inferior (real) e superior (ideal), observamos uma relevante relação de causa e efeito: para se alcançar o sucesso na carreira profissional – o topo, as nuvens, “o ideal” – é necessário “falar e escrever certo” – informação destacada na parte inferior, no “real”.

A imagem, composta pela mulher que sobe a escada apoiada na letra A e a expressão “falar e escrever certo” são os elementos de maior saliência presentes na capa, saliência que é favorecida pelo fundo quase que totalmente branco. É para este conjunto de informações que o leitor tem a sua atenção voltada, de forma que a capa o “convida” a participar desse elaborado processo de construção de sentidos, levando-o a associar tanto os elementos da linguagem verbal quanto os elementos da linguagem visual.

Na capa de 2010, assim como acontece na capa de 2007, a linguagem verbal ocupa o espaço da informação dada, enquanto que a imagem encontra-se no espaço da informação nova. A partir dessa construção, é possível considerar que a linguagem verbal, presente no lado esquerdo, é preferencialmente utilizada para tratar de informações que, em geral, já são bastante comuns e aceitas entre os leitores, como a informação presente nesta terceira capa: “expressar-se com clareza e elegância

é essencial para avançar na vida”. Apesar de, na capa de 2010, a revista, no lado esquerdo, apresentar uma informação como supostamente nova –“a boa notícia é que há mais ferramentas para o aprendizado” -, é a informação já compartilhada que inicialmente “conduz” o leitor ao processo de construção de sentidos, associando e articulando o modo semiótico da escrita e da imagem.

O lado direito é ocupado pela imagem de um homem branco que, assim como acontece com a mulher da capa de 2007, está vestido com roupa executiva, representando, provavelmente um homem de negócios, bem sucedido na carreira, remetendo-nos à ideia daqueles que, supostamente, alcançaram a “vitória” por “falar e escrever bem”. É relevante perceber que a capa da revista ainda aponta para o leitor o que ela está considerando como falar e escrever bem, isto é, “expressar-se com clareza e elegância”. Ao observarmos a imagem, temos a impressão de que este homem, por trás de uma espécie de tribuna, utilizando um microfone, dirige-se aos seus ouvintes olhando de cima para baixo, gesticulando o braço e falando energicamente. Os ouvintes, por sua vez, são representados por teclas de computador, fazendo alusão às novas tecnologias disponíveis para se aprender a falar e escrever bem.

Interessante ainda observar que das primeiras teclas do computador – aquelas que estão no plano mais curto em relação ao leitor - até à tribuna onde está situado o homem, delinea-se uma espécie de pirâmide. O homem branco, executivo de sucesso, que fala e escreve bem, é quem está no topo dessa pirâmide, confirmando e enfatizando a sua ideia de sucesso, de êxito máximo, assim como acontece com a mulher da capa de 2007 que, na busca de ascensão profissional, por meio do domínio da “língua correta”, alcança a altura das “nuvens”.

Dessa forma, a informação nova, por meio do conjunto de elementos presentes na imagem, é a própria materialização do “futuro vitorioso” – identificado aqui como o sucesso profissional, o êxito máximo na carreira - daqueles que escrevem e falam bem, daqueles que se expressam com clareza e elegância, conforme informação compartilhada no lado esquerdo.

No que diz respeito à *saliência*, percebemos que o participante representado se destaca em relação aos outros elementos presentes na imagem. É possível perceber que as margens da capa apresentam um amarelo misturado com laranja, formando um tom de cor mais escura e, conforme dirigimos o nosso olhar para a parte mais central, esse tom de amarelo escuro vai se tornando cada vez mais claro, tornando-se praticamente branco no centro. Assim, além de ocupar a posição central da capa, o homem por trás da tribuna parece estar sob um foco de luz, situado em um centro mais iluminado em relação às margens do texto, sobressaindo-se nitidamente em relação aos outros componentes do texto.

3.3 Interdiscursividade: a legitimação da desigualdade social por meio da exclusão de usos linguísticos

Para a ACD, a interdiscursividade tem como foco os discursos articulados ou não nos textos, assim como também é seu objeto de análise as formas como esses discursos são articulados e entrecruzados com outros discursos. Em princípio, a interdiscursividade é uma categoria representacional, relacionada a maneiras particulares de representar o mundo. De acordo com Fairclough (2003), é possível identificar discursos diversos observando as diferentes formas de “lexicalizar” aspectos do mundo. Assim, a identificação das diferentes escolhas lexicais presentes nas capas estudadas mostra-se como uma importante estratégia para a análise empreendida neste trabalho.

Considerando ainda alguns pressupostos teóricos, é importante destacar que Fairclough (1997, 2001), baseado em Gramsci (1988), caracteriza a *hegemonia* como um domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, poder esse construído e definido muito mais no consenso que no uso da força.

No entanto, essa dominação de um grupo sobre o outro apresenta um equilíbrio instável: para a ACD, o poder é temporário. Assim, relações assimétricas de poder são passíveis de mudança e superação. A instabilidade da hegemonia é o que caracteriza o conceito de “luta hegemônica”, isto é, a luta pela instauração, pela sustentação, pela universalização de discursos particulares (FAIRCLOUGH, 2003). Nessa perspectiva, por meio da análise da interdiscursividade é frequente a investigação dos discursos articulados em textos e suas conexões com lutas hegemônicas mais amplas.

A partir da análise realizada por meio da abordagem multimodal, é possível identificar um “discurso de superioridade linguística” predominante e bastante recorrente nas três capas da revista *Veja*. Esse discurso se constrói e se organiza por meio de “verdades” apresentadas como indiscutíveis para os leitores, aos quais não é permitido contestar: existe uma língua “certa” e uma língua “errada”; há uma língua relacionada ao se expressar “bem” e uma língua relacionada ao se expressar “mal”; há uma língua relacionada ao “sucesso” e outra relacionada ao “fracasso”; há uma língua que é instrumento de ascensão profissional e social e outra que não permite crescer, avançar; há uma língua relacionada à “vitória” e uma língua relacionada à “ruína”. Dessa forma, as escolhas lexicais presentes nas capas nos levam a identificar dois “polos linguísticos” essencialmente antagônicos: um extremamente positivo, portanto, “superior”, e outro extremamente negativo, logo, “inferior”.

Não podemos deixar de destacar que a “língua superior” apontada nas capas de *Veja* refere-se às formas rígidas prescritas pela gramática normativa. Nessa perspectiva, assim como explica Scherre (2005, p. 42), “confunde-se gramática normativa com língua”. Nessa perspectiva, a palavra “língua”, muito presente nas três capas da revista, refere-se apenas à “codificação de uma norma-padrão escrita”, a qual tem como base textos de escritores consagrados, além do registro de aspectos

linguísticos pertencentes às variedades de prestígio, isto é, “as variedades associadas à fala da elite urbana dominante, que gozam de aceitação social” (SCHERRE, 2005, p. 43).

A partir dessas considerações, percebemos que as outras variedades linguísticas, que não gozam desse mesmo prestígio, não são, nem mesmo, definidas como “língua”, ou são apontadas como a “língua errada”, a qual deve ser abandonada pelos falantes em busca da “língua certa”. É exatamente essa a realidade possível de ser observada nas capas analisadas: a norma-padrão, associada à elite urbana dominante, é apontada como a única aceitável, como a “língua” que garante o sucesso e que, portanto, configura-se como a meta a ser alcançada por todos os falantes. Na capa de 2001, por exemplo, afirma-se que “o brasileiro está fazendo de tudo para melhorar”, já que a norma-padrão é essencial “na profissão, nos negócios e na vida social”. Sobre essa questão, Scherre (2005, p. 15) faz uma importante afirmação:

De forma geral, as pessoas creem que há uma língua estruturalmente mais certa do que outra, que há um dialeto mais certo do que outro ou que há uma variedade mais certa do que outra, e poucos percebem que as formas consideradas certas e/ou de prestígio são as que pertencem à língua, aos dialetos ou às variedades das pessoas ou grupos que detêm o poder econômico ou cultural. Mesmo pessoas que analisam de forma objetiva os fenômenos linguísticos frequentemente emitem enunciados que revelam esse tipo de crença. Uma das consequências dessa crença se reflete no preconceito linguístico, que estigmatiza direta ou indiretamente as pessoas que não dominam formas linguísticas consideradas certas por uma dada comunidade.

Como já parcialmente apontado, essa relação de poder de uma língua sobre a outra se refere às relações de poder entre os respectivos grupos que essas “línguas” representam, ou seja, que essas diferentes “línguas” identificam. Por meio das discussões anteriores, nas três capas da revista, os participantes representados que “dominam a língua superior”, a língua de *status* e prestígio, são homens e mulher brancos – nas três capas em análise, o homem negro ou a mulher negra não são representados e/ou associados ao grupo que domina a “língua de prestígio” -, os quais estão vestidos formalmente – provavelmente executivos -, representantes de uma classe profissional de sucesso, desfrutando, em relação aos demais, de *status* e poder. Assim, essa língua “correta”, elemento essencial do “expressar-se com clareza e elegância”, pertence a um grupo urbano dominante na sociedade, que exerce poder sobre os demais, isto é, um grupo que se posiciona em uma camada hierárquica superior, em uma dada estratificação social.

Retomando o conceito de luta hegemônica de Fairclough (2003), na busca de legitimar e universalizar o ideal de “única língua correta” ou de “única língua aceitável”, esse grupo dominante, detentor da “língua certa”, da “língua de sucesso” é quem “dita as regras”: essa elite urbana dominante, que também se apresenta como uma “elite linguística”, impõe aos outros grupos a sua maneira de falar, o seu padrão de sucesso linguístico. Assim, esse grupo de prestígio define e determina para os outros

grupos de falantes o ideal a ser alcançado para se expressar “de forma correta e com elegância”. A elite social representada nas capas de *Veja* não considera a existência da diversidade linguística, omite e exclui por completo os usos linguísticos pertencentes às outras variedades diferentes da variedade padrão. Na verdade, no contexto das capas analisadas, a variedade padrão nem é apresentada como uma das variedades linguísticas, posta, linguisticamente, no mesmo patamar que as demais, mas sim como a única que deve existir e, por isso, a única língua aceitável.

Esses dois grupos representados – aqueles que falam e escrevem bem e aqueles que falam e escrevem mal – convivem e se organizam dentro de uma sociedade desigual: essa elite social que exerce poder sobre os demais - em especial, por meio da linguagem - consequentemente, é quem desfruta das melhores oportunidades, têm melhores resultados, e “avança mais na vida”. Em contrapartida, aqueles que não dominam a “língua superior”, mas se expressam por meio da língua do “erro”, do “fracasso” e da “ruína”, não têm acesso às oportunidades de crescimento, não apresentam bons resultados, não avançam na vida. Scherre (2005, p. 43), nessa mesma perspectiva, argumenta:

Em nome da *boa língua* pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade – da qual a escola é reflexo ativo – fazem associações perversas, sem respaldo linguístico estrutural, entre domínio de determinadas formas linguísticas e beleza ou feiúra; entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância ou deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência ou burrice (...). Sabe-se que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação.

É importante lembrar que o gênero de texto denominado *capa de revista* é um poderoso instrumento de formação de opinião na sociedade. Entre os pesquisadores, é consenso que esse é um gênero que apresenta significativo “poder” em influenciar seus interlocutores. A partir desse ponto de vista, de maneira bastante efetiva, ao colocar a norma-padrão como a única língua correta e aceitável, as capas da revista reproduzem e legitimam o estigma que marca as variedades linguísticas que não gozam de prestígio.

Ao se estigmatizar, desfavorecer e desacreditar variedades linguísticas, faz-se o mesmo com os grupos sociais que se identificam e se constituem por meio dessas variedades. A partir de determinações categóricas de “certo” e “errado”, a elite urbana dominante, por meio de um poder construído e definido muito mais no consenso que no uso da força, desacredita e exclui socialmente indivíduos e comunidades inteiras, promovendo-se, assim, através de instrumentos que vão muito além de aspectos puramente linguísticos, a desigualdade e a injustiça social.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos característicos da espécie humana que, supostamente, a distingue de outras espécies animais é exatamente o domínio de um sistema de comunicação articulado, no sentido de que unidades menores do sistema linguístico se combinam para formar unidades de nível mais alto (orações, textos, discursos) de forma recursiva, possibilitando um número expressivo de combinações e permitindo, assim, o atendimento a diferentes necessidades comunicativas.

A mídia impressa, aqui representada pela revista *Veja*, ao ignorar tal fato e ao estabelecer uma identidade entre gramática normativa e idioma de um povo, revela desconhecimento do assunto e evidencia o seu caráter de objeto de consumo (em detrimento do seu ofício primordial de objeto de saber). Nesse sentido, em vez de contribuir com a formação linguística da sociedade brasileira, os meios de comunicação de massa acabam por legitimar a dicotomia certo/errado, contribuindo, de forma categórica, com o preconceito linguístico e com a manutenção das desigualdades sociais por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BAGNO, Marcos. Língua, história e sociedade: breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 179-199.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polite Press, 1992.

_____. **Discourse analysis**: The Critical Study of Language. England: Pearson, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, T. A. **Discourse studies. A multidisciplinary introduction**. vol. 2. Discourse as social interaction. London: Sage, 1997, p. 258-284.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012 p. 35-55.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN. **An introduction to functional grammar**. London: Hachette UK Company, 2004.

KRESS G. **Writing the future**: English and the Making of a Culture of Innovation. 1995.

_____. **Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication: the potentials of new forms of text** in I. Snyder (ed.) Page to Screen, London: Routledge, 1997.

KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour**. Sage publications, London, v.1 p.343-368. 2002.

KRESS, G. **Literacy in the new media age**. London/NY: Routledge, 2003.

_____. **Multimodality**. A social semiotic approach to contemporary communication. New York: Routledge, 2010.

_____. Genres and the multimodal production of Scientificness. In: JEWITT, C.; KRESS, G. (Ed.). **Multimodal literacy**. New York: Peter Lang, 2008. p. 173-186.

_____. **Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

_____. **Reading images: the grammar of visual design**. London; New York: Routledge, 2006.

NASCIMENTO, F. S.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, 2011. p. 529-552.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

TRAJANO, Izabella da Silva Negrão. **A imagem como agente de representação social e ideológica no discurso multimodal**. 2013. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOBRE O ORGANIZADOR

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 23

Assédio 193

C

Casamento 151

Científico 224

Criança 60, 180, 183, 188, 191, 192, 202

Cultura 11, 16, 17, 18, 22, 23, 120, 127, 141, 192, 206, 222, 224

D

Dança 8, 110, 111, 153, 155, 162, 163, 164

Desenvolvimento 2, 8, 153, 164, 224, 225, 226, 227

Discurso 36, 39, 50, 52, 62, 64, 66, 75, 76, 77, 83, 87, 88, 89, 90, 99, 100, 101, 102, 108, 109, 121, 142, 143, 150, 151, 152, 206, 208

E

Ensino 51, 62, 63, 110, 111, 224

Exploração 179, 183, 189, 191, 192

L

Língua 28, 29, 50, 75, 224

Linguagem 24, 35, 50, 51, 75, 99, 151, 164, 206, 224

Literatura 88, 111, 118, 119, 121, 123, 125, 224

M

Machismo 165, 167, 171, 172, 173, 174, 175

Max Weber 7, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15

Mídia 36, 66, 76, 82, 87, 100

Mulher 72, 177

N

Nacionalidade 128

S

Sociologia 2, 5, 1, 3, 4, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 127, 222, 224, 225, 226, 227

T

Tradução 12, 21, 23, 35, 75, 99, 150, 151, 152, 206, 207

V

Violência 166, 177, 178

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-535-8



9 788572 475358